

ENTREVISTA, NA ÍNTEGRA, AO JORNAL SÉCULO XXI/NF, DE 9/2001

1) Séc. XXI - Fale de sua trajetória pessoal e profissional.

Vanda:

Nasci em 1947 num subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, no Hospital Público Carlos Chagas, em Marechal Hermes. Morei muitos anos em casa comprada através de financiamentos aos quais tinham acesso funcionários públicos como meu pai. Bela casa! Estudei em escolas públicas com jardins e salas imensas. Fiz o ginásio e o curso normal na Escola Normal Carmela Dutra, em Madureira. Dei aula um tempo. Ainda guardo na memória a descoberta da leitura pelas crianças. Precisava custear os estudos e passei a trabalhar no setor privado. Mudei para a Zona Sul do Rio e ingressei na Universidade Santa Úrsula para estudar Psicologia. Ainda na graduação, fiz diversos estágios (Colégio Santa Rosa de Lima, DETRAN, Fundação Getúlio Vargas). Após o término da faculdade, trabalhei no Serviço de Seleção do Pessoal da Marinha, na Mesbla/RJ, ministrei aulas, coordenei workshops e, alguns anos depois, comecei a Psicoterapia com uso de Análise Transacional, posteriormente Psicoterapia Corporal Reichiana. Durante nove anos, até 1983, dei aulas em diversos cursos do SENAC/RJ. Alunos de diversas localidades e com muitas expectativas dos quais guardo imensa saudade. Participei de grupos de discussão sobre cultura, saúde, política, pertenci à antiga Associação de Psicólogos/RJ que depois passou a ser Sindicato dos Psicólogos.

Tive oportunidade de estar em diversos simpósios no Parque Laje sobre corpo/ política. Minha proximidade com as teorias de Wilhelm Reich se ampliou através de estudos, terapias e workshops. Passei a desenvolver a Psicoterapia de base reichiana, ministrar cursos e desenvolver oficinas. Muitos bancários (onde estão?) e professores estiveram presentes. Tenho acompanhado ao longo deste tempo muita angústia e desespero em função das privatizações/demissões, aposentadorias precoces, sonhos interrompidos, aumento de casos de câncer, surgimento da AIDS, crescente baixa de auto estima em professores (do maternal à pós-graduação, do setor público ao privado), profissionais de saúde exaustos, jovens perdidos, adultos repentinamente tendo que buscar novas profissões e ... haja terapia para segurar!

O fortalecimento do antigo neo-liberalismo trouxe-me a necessidade de aprofundar conhecimentos em Sociologia e resolvi fazer Especialização em Sociologia Urbana. Quem sabe buscava compreensão do que estava difícil digerir. Questionei-me e fui questionada. Há pouco tempo, vendo uma entrevista com o grande intelectual brasileiro falecido recentemente, Milton Santos, e diante das complicações sociais e político-urbanas, convenci-me de que foi bom ter estudado tal assunto. Precisava alinhar conhecimentos e práticas e não me perder na competição desenfreada característica do individualismo crescente.

Em 1997 vim fazer uma Palestra na Livraria Simões/NF. Acho que desejava dar um passeio. Subo e desço a serra até hoje! É interessante conviver com as semelhanças e diferenças entre o comportamento de cariocas e friburguenses e perceber o potencial cultural e político de cada cidade. Este contato constante serve para acabar com muito preconceito e constatar, mais uma vez, que o Brasil tem uma riqueza humana e cultural que, se aparecesse na mídia, possivelmente mudaria muita coisa! No calor ou no frio, na serra ou no mar, estamos muito dispersos. Precisamos "chegar mais" e compreender que o isolamento físico e/ou emocional/intelectual só nos leva aos "apagões de luz, de memória, da vida".

2) Séc. XXI - Quais as principais contribuições que podemos retirar de Reich para o cidadão contemporâneo e seus problemas?

Vanda:

Wilhelm Reich foi pioneiro nas "Terapias Corporais", na Medicina "mente-corpo", na Psicologia Política e Social. Deixou contribuições na Biologia, na Física e na Meteorologia.

Desenvolveu uma Teoria da Sexualidade que articula os aspectos biológicos, psicológicos e sociais dentro de uma visão energético-holística de mundo. Restabeleceu a natureza físico-energética do homem, resgatou a interligação do homem com a natureza. Desenvolveu trabalhos de prevenção à gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis com jovens e trabalhadores dentro de uma visão integrada numa época em que não tínhamos esta "discussão na ponta da língua e tão distante de ser resolvida" como agora. Reich fez a interligação entre a sexualidade e a política.

É interessante verificarmos onde nos perdemos enquanto pais, educadores e profissionais de saúde. Ao longo dos anos a gravidez ficou mais precoce e as doenças sexualmente transmissíveis se intensificaram quanto à gravidade e frequência. Já temos inúmeros bebês

nascendo com o vírus da AIDS.

Acho necessário resgatar a discussão do autoritarismo (controle social e político) relacionado com o controle e manipulação da sexualidade. Me parece tema bem propício.

Apesar de dificuldades econômicas, familiares e políticas Reich lutou até o fim de sua vida pelos seus sonhos de construção de uma sociedade mais saudável e fraterna. Crítico mordaz, deixou-nos vários alertas com suas descobertas.

3) Séc. XXI - Qual a melhor forma de trabalharmos a sexualidade com os jovens e quais os problemas decorrentes desta questão ser mal trabalhada?

Vanda:

Existem muitos trabalhos sendo desenvolvidos na Saúde e na Educação. É fundamental ter coragem para enfrentar os problemas a nível familiar, educacional e político. Acho que falta uma interligação entre a sexualidade e uma política transformadora e participativa, que integre discurso e prática que, no mínimo, reduza as disparidades econômicas e sociais.

Parece-me que estamos perdendo, por entre os dedos, progressos alcançados em décadas anteriores. Precisamos (pais, educadores, partidos e sindicatos...) pensar que mundo desejamos para os "jovens cidadãos".

Muitos jovens sentem-se angustiados e culpados por não cederem a negócios espúrios. São cobrados quando perdem "grandes oportunidades" e solapam muitos sonhos de manutenção de status e de imagem da família. O que os pais, educadores e governo querem dos jovens? Não há, muitas vezes, coerência entre responsabilidade e respeito. Como ter responsabilidade com o próprio corpo, com a saúde sua e do outro? Dignidade? É preciso haver e sentir respeito pela vida para proteger-se adequadamente quanto à gravidez precoce e às doenças sexualmente transmissíveis, para usar a sexualidade enquanto fonte de prazer com responsabilidade.

Existem muitos adultos com problemas sexuais sérios. Não é à toa que o Viagra fez tanto sucesso. Muitas crianças são manipuladas sexualmente em casa e na vizinhança, seja nos condomínios ou em comunidades carentes. O sexo-turismo com jovens corre a olhos vistos. O prazer com responsabilidade pelo conhecimento, cultura, esporte, pela convivência e companheirismo é pouco valorizado pela sociedade e pelas políticas públicas estabelecidas, em prol do uso do corpo enquanto objeto de consumo e de negação da vida enquanto comunhão com a natureza, enquanto encontro entre pessoas. Certa vez, fiz uma pesquisa numa escola com crianças da 8ª série. Os meninos acharam que a escola deveria ter absorventes para as meninas! As crianças têm que dizer isso?

O sofrimento das crianças e jovens é tratado com remédios ou corretivos. Fecha-se os olhos e os ouvidos. A falta de coerência entre uma vivência da sexualidade e a prática e o discurso político leva muitos jovens a uma ausência de referencial, de amor a si e à comunidade a que pertencem. O corpo passa a ser objeto de consumo que deve ser malhado, domado. A sensibilidade fica amortecida numa tentativa de amortecer o sofrimento. Esta tentativa de se domar e domar os outros se transforma em autoritarismo que vai sendo passado de pai para filho, de cidade para cidade, de Estado para Estado. A formação de "jovens cidadãos" conscientes de seu corpo, de seus direitos e deveres é dificultada pelos exemplos dados nas mais diversas direções que olhamos.

Na letra de uma das músicas de Lenine/Arnaldo Antunes – CD Na Pressão, lemos:

"...Todo mundo tem direito à vida
Todo mundo tem direito igual
Boa noite, tudo bem, bom dia
Gentileza é fundamental..."

Existe isso em casa entre os pais? Entre marido e mulher? Na escola? Por parte dos governos? Nas políticas estabelecidas para as cidades?

A desvalorização intelectual e cultural de homens e mulheres entre 40 e 50 anos (redução de renda, de poder e eliminação de sonhos) traz `a tona frustrações e traços de caráter doentios (uns se preparam para oprimir e outros se deixando oprimir) que colocam as crianças e os jovens como alvos prediletos na realização das frustrações adultas, transformando-os em objeto de lucro e poder, o que cresce junto com o "antigo neo-liberalismo". Objeto que deve ser eliminado ou aproveitado. Esta luta empurra os jovens para a manipulação sexual, dependência química e violência que tanto desce como sobe a serra, seja nos condomínios ou nas comunidades carentes.

Jovens seres dominadores (ou desesperados?) que, com seus atrativos corporais e energia, podem dissolver famílias? Acho que podemos estar em busca de "bode expiatório" para justificar a dominação política através da dominação sexual como assinalou Wilhelm Reich há algumas décadas. "Consumir" é uma forma de dominar, de destruir. O outro vira objeto e, enquanto objeto, tem que perder a dignidade para perpetuar o meu (ou nosso) poder de dominação. É necessário pensar a sexualidade dos jovens junto com a nossa. A vivacidade incomoda em qualquer que seja a idade. É só observar a reação das pessoas diante de uma mulher que não perdeu sua força e energia tendo ela 20 ou 70 anos.

Como a vida é dialética e traz em seu bojo as contradições, conseguimos ver pais, professores e artistas em seu contato com os jovens passarem muita beleza e vontade de viver com respeito mútuo. Muitos jovens estão buscando seu prazer compondo, dançando, jogando, resgatando e criando junto com pessoas de diversas faixas etárias, mas com muita vitalidade e vivacidade. Isto não é difícil encontrar em rodas de choro, de samba. É só olhar e ouvir!

Isolar os filhos em condomínios é uma solução que nada resolve. Muitos deles acabam fugindo das grades com muito despreparo emocional apesar do acúmulo de informações. Sem vivência, sem riqueza cultural, sem raiz, têm seus fantasmas aumentados que os impede até de uma convivência em universidades.

É preciso colocar os pés no chão e as velas no fim do túnel pois, por trás da escuridão, existe a luz. A história não se repete, nós a construímos e ela tem idas e vindas. É necessário resgatar a discussão da sexualidade enquanto vida no verdadeiro sentido da palavra.

4) Séc. XXI - A luta pela vida, nos tempos atuais, está levando muitas pessoas a sentirem um medo constante. Quais são as conseqüências do medo para a nossa saúde?

Vanda:

A vida não pode se caracterizar só por luta constante para evitar perdas e morte. A luta precisa estar junto com o prazer de viver. A sociedade tal como está estruturada privilegia a morte na medida em que coloca o homem como objeto, como mercadoria. Objeto não tem sentimentos, não pensa, não cria. O homem precisa ser "sem coração" ou ter um "coração de pedra".

Na infância, aprendemos "corporalmente" a nos defender dos limites (ou falta de limites) impostos pela família, escola e sociedade. Desenvolvemos couraças, estabelecemos traços de caráter que poderão estar presentes ao longo de nossas vidas. São defesas inadequadas para serem utilizadas por toda a vida. Elas cerceiam a postura, os movimentos, a respiração, a circulação, dificultam o orgasmo, o parto. O "frio na barriga" e o "aperto no peito" vão se tornando sensações repetitivas com todas as conseqüências bio-psicológicas. São fruto de valores e padrões de comportamentos introjetados e que fazem parte de uma sociedade que não está estruturada para o respeito à vida. Reduzem a capacidade do organismo para reagir pela repetição de movimentos, de jogos e fantasias. O cerceamento de desejos e expectativas pode provocar a famosa acomodação (não me desenvolvo, mas também não faço). A respiração vira esforço e descompasso, o olhar não tem direção. A insuficiência de convergência se acentua a cada dificuldade de olhar com sentimento para si e para a realidade. Diante do medo o organismo se contrai, perde a flexibilidade. A pessoa se torna rígida e endurecida ("ou mole que nem lesma"). Isto vai trazendo sérios prejuízos à musculatura e os "problemas de coluna" vão ganhando espaço.

O bloqueio de emoção é, também, um bloqueio energético. Este cerceamento não é aceito pelo organismo passivamente. A luta para viver vai se fazendo às vezes cega, sem direção, onde seqüestradores e seqüestrados, opressores e oprimidos, fazem parte de uma mesma matriz que serve de base para a construção das personalidades e formação de caráter, de um estilo de sociedade. Esse esforço permanente pode se transformar em doença crônica, físico-emocional-social ou em tentativas construtivas de transformação da realidade.

Como a imagem "de fracasso" dá muito medo, as pessoas tendem ao isolamento (a colocar "nas mãos de Deus") e não permitem que o apoio e a troca afetiva e de informações se processe. O gasto de energia pode deixar a pessoa desvitalizada e atingir o sistema imunológico. Não podemos deixar de assinalar o crescimento de doenças degenerativas (que vem junto com grande quantidade de elementos tóxicos que ingerimos junto com a água, os alimentos e ar que respiramos).

Podemos ver um exemplo: uma pessoa cheia de expectativas passa em um concurso e é eliminada de um processo seletivo ao constatarem a presença do vírus da AIDS no seu exame de sangue. O medo e a impotência podem fazer com que ela passe a gastar sua energia para esconder não só a contaminação mas, também, sua raiva contra os elementos cerceadores de

seus desejos, de uma vida com estabilidade econômica e social.

Por vezes, os transtornos se concentram numa determinada parte do corpo(segmentos corporais). De tanto ter que "engolir a língua" para não expressar o que sentem e pensam e agüentar um número de alunos excessivo em sala de aula, muitos professores apresentam problemas nas cordas vocais. A luta para provar que são competentes para "educar" em tais condições se transforma num gasto de energia que acaba por prejudicar a saúde e os relacionamentos. Em muitos casos a apatia, a falta de interesse e a depressão se tornam presentes, produzindo alunos mais carentes.

Muitos destes alunos já chegam à escola em total desarmonia. Alguns fazem movimentos estereotipados constantes por permanecerem expostos a brinquedos eletrônicos ao invés de estarem brincando com outras crianças. Cenas vivenciadas na vida doméstica de discriminações e humilhações interferem no comportamento destas crianças. Produzem dificuldades de relacionamento e de aprendizagem. Existem alguns pais que, quando são convidados a colaborar com a superação dos problemas que os filhos estão apresentando, sabotam informações, responsabilizam a escola (que responsabiliza o professor), batem nos filhos, chutam o cachorro. Olhar a situação no seu conjunto é difícil pois requer providências de todos os lados. Por imobilismo evitam-se as mudança nas relações familiares, na intervenção pedagógica, nas relações trabalhistas e político-econômicas, que possam alterar o quadro destrutivo que a sociedade apresenta.

O excesso de culpa pode dar medo e fazer fugir. Faz com que providências quanto a abusos sexuais não sejam tomadas. As criança e os jovens precisam ter em casa e na escola um espaço para expressar seus medos e angústias, precisam de "acolhimento" para crescer com saúde. Reconhecer que não estamos sendo capazes de ouvir com a razão e o coração e aceitar ajuda, exige muita coragem. Temos muito medo das mudanças e acabamos embarcando em "novidades" que não compreendemos nem escolhemos.

Além do "encourajamento" estabelecido ainda na infância, diversos fatores (condições de vida e trabalho, qualidade dos alimentos, da água e do ar, vivências educacionais) individualizam a reação bio-psico-energética e social. O "apoio", o "acolhimento", o trabalho psicoterapêutico, educacional, cultural, e medidas políticas adequadas podem flexibilizar as couraças, tornar o organismo mais capaz de reagir para manter a saúde e apresentar atitudes mais saudáveis.

É necessário recuperar a respiração no seu âmbito emocional, estabelecer defesas mais maduras e conseqüentes com as necessidades do dia a dia, perceber o corpo-vivo que necessita de carinho e afeto, ter esperança, satisfação de necessidades básicas e ver realizados os sonhos.

Conquistar espaço para a criação e para construção ajuda a produzir uma vida mais saudável. É a troca energética (o amor e o prazer) que vai aquecer o corpo e produzir o falado "calor humano". Evitar o desabafo, a demonstração de insatisfação, encobrir o medo e a dor isola e adocece. Na música a seguir (de Sérgio Botto e letra de Guilherme Godoy - que recentemente faleceu e nos deixou saudades e muitos trabalhos - do CD O Samba Sabe o Que Quer) assinala o quanto nos enganamos ao acreditar que esconder as tristezas e dores é sinal de força. Só mantém uma imagem!

"O homem que não chora
Pensa e diz que é forte
Nunca teve a sorte
De desabafar o coração..."

A única coisa que pode servir é para dificultar a entrega amorosa e recebimento do acolhimento, da proteção.

Ter medo de desabafar está sendo uma constante. Os homens são incentivados a substituir o desabafo e a dor pela rigidez, autoritarismo e violência. Há alguns anos, encontravam em seus colegas de trabalho espaço para "contar suas vantagens". Atualmente, o medo de perder e ser passado para trás é tão grande que nem isso. Este fato reforça o individualismo e a competição, não ajuda a cooperação e a busca de novos caminhos. Quanto maior a fragilidade interna mais problemas de saúde, problemas sexuais e de comportamento. Encarar a fragilidade ajuda a dividir e buscar novos caminhos. Como nada muda só pelos nossos desejos, é importante ter noção de que esta conquista exige tempo. Enquanto um está aberto para dar "colo", outros ainda vão levar muito tempo para acordar. Aproveitam-se das "fragilidades alheias" para seu próprio enriquecimento e para realização de jogos de

dominação.

A percepção da realidade interna e externa, usando a razão e a intuição, é o melhor caminho para encontrar pessoas e grupos mais preparadas para esta troca sem mergulhar num processo de alienação, que só cega e embota o raciocínio. É igual a sexo: é bom mas tem que ser com preservativo. Não é qualquer "colo" que leva à superação dos problemas e possibilidade de realização dos sonhos.

5) Séc. XXI - Você é especializada em Sociologia Urbana. Que observações tem feito de nossa sociedade e a partir de seus estudos nesta área?

Vanda:

Fiz Especialização em Sociologia Urbana mas sou Psicóloga e Psicoterapeuta. Existem profissionais que se dedicam unicamente a este estudo. Cada um dentro de uma base teórica que escolhe dependendo de sua visão de mundo. Há quem consiga interpretar de uma forma e ter propostas de intervenção completamente diferentes. Fala-se dos descamisados e "retiram-se suas pernas"!

A diferença entre o discurso e a prática é marca registrada na construção de personalidades de homens e mulheres na nossa sociedade, o que permite maior manipulação e dominação. Os pais têm que colocar as crianças nas escolas mas não existem escolas em quantidade suficiente (e de qualidade) em muitas regiões, com alguma exceções.

A formação acadêmica não basta para nortear a visão de mundo e propiciar coerência na intervenção social. Depende, também, do tipo do caráter que se estruturou ao longo da vida, no plano individual. O caráter, a consciência e o conhecimento se desenvolvem na interação social que se estabelece ao longo da vida e das oportunidades disponibilizadas ou conquistadas individualmente e em grupo. Neste trajeto a sociedade desejada vai se estabelecendo junto com a formação de personalidades, de cidadãos que podem passar a interferir nas políticas que vão nortear o funcionamento de cidades mais saudáveis, mais harmoniosas, onde a exclusão social não seja a regra. Os excluídos ocuparão algum espaço, mesmo que seja em precárias condições sob viadutos, e as consequências são imprevisíveis. Pode ser um incêndio, com mais dor e mais medo.

O descaso com que são tratados os movimentos sociais presentes em nossa sociedade só faz aumentar o número e a intensidade dos problemas que, de uma forma ou de outra, atingem a todos. Será que podemos dizer que a sociedade brasileira "amarelou", está na "retranca"? Prefiro dizer que existem "times" disputando espaço com ética, apesar do medo, dos avanços e dos recuos e que sonham com uma sociedade mais justa, que consideram o homem como parte da natureza que deve ser preservada no discurso e nas ações políticas, para saúde de todos.